

Sarney aceita sair

Política

Jornal de Brasília • 3

antes, insiste Ponte

Porto Alegre — O presidente Sarney está disposto a qualquer sacrifício para concluir o processo de transição democrática, de forma pacífica, nem que para isso tenha que reduzir o seu mandato. A informação foi dada ontem pelo líder do governo na Câmara, Luiz Roberto Ponte (PMDB-RS), que defendeu um entendimento nacional entre governo, Congresso e sociedade para a saída da crise econômica.

Embora o presidente José Sarney esteja convencido de que tem condições de levar a economia sob controle até o fim de seu mandato, está disposto até a antecipar sua saída se isso for uma imposição nacional e de um acordo entre governo e os políticos. Ponte informou que já existem entendimentos entre os presidentes de partidos e os parlamentares da ala econômica do Congresso, Delfim Netto, José Serra, César Maia, Francisco Dornelles e Osmundo Rebouças para a viabilização de um plano de medi-

das ortodoxas que seriam implantadas após consenso entre Executivo e Legislativo.

Se depois de concluído esse plano, que poderá promover um choque ortodoxo na economia, for impositiva a saída de Sarney, ele aceitará, assegurou Luiz Roberto Ponte, que tem ouvido do presidente essa vontade. O parlamentar gaúcho lembrou que hoje qualquer medida que o presidente enviar ao Congresso não terá apoio do Legislativo, por isso a saída deve ser encontrada pelos próprios políticos trabalhando em conjunto com o Executivo.

O líder do governo disse ainda que deve-se aproveitar o fato de José Sarney não estar engajado em nenhuma candidatura presidencial, e por isso não defender um projeto político pessoal. "O presidente está aberto às sugestões e medidas que ajudem a salvar o País da hiperinflação", disse Ponte.

Ele citou a necessidade de demissões no setor público, controle de gastos e até a extinção de ministérios, e disse que as principais lideranças do Congresso na área econômica - entre as quais incluiu os deputados José Serra (PSDB), Francisco Dornelles (PFL), Delfim Netto (PDS), César Maia (PDT) e Osmundo Rebouças (PMDB) - já vêm discutindo esta possibilidade.

— O pensamento do governo também é este e o que este grupo disser, o governo assina embaixo - garantiu o parlamentar, acrescentando que o presidente Sarney está disposto a qualquer sacrifício para levar a transição até o final com tranquilidade, de forma que a economia não interfira numa decisão racional de voto.

— Se chegarmos a hipóteses de reduzir o mandato do presidente, não tenho dúvidas de que eles aceitará para ajudar o entendimento, insistiu.

Sem programa, 5º ano fracassou

Celson Franco

Quando o presidente José Sarney ganhou, na Constituinte, o quinto ano de mandato, um amigo aconselhou-o a preparar um programa de Governo que lhe permitisse atravessar, com certa tranquilidade, a última e mais difícil etapa do processo de transição democrática, até as eleições de 15 de novembro. Sarney ouviu e não comentou.

Ontem, no Salão Verde do Congresso Nacional, o deputado César Maia, do PDT do Rio de Janeiro, dizia que a decisão a favor dos cinco anos de mandato foi catastrófica, do ponto de vista estratégico, e que os responsáveis por sua aprovação deviam ser cobrados e responsabilizados perante a Nação.

Afinal — a imagem é dele — o País hoje parece mais um caminho desgovernado, tendo à frente o precipício da hiperinflação. César Maia acredita, contudo, que o Governo pode ainda acionar os freios, adotando já, e com coragem, medidas de caráter recessivo que interrompam o que ele chama de "corrida para o caos".

O problema é que o Governo, amarga altíssimos índices de rejeição perante a opinião pública, e não dispõe de praticamente nenhuma base parlamentar o que o torna politicamente incapacitado. O quinto ano do presidente José Sarney se transformou, segundo o deputado Maurício Ferreira Lima, (PMDB-PE) numa "caminhada ao mesmo tempo melancólica e

perigosa".

Sem saudades

Perigosa porque, como o próprio Presidente reconhece — e foi isso que ele disse aos integrantes do Conselho da República, no Palácio da Alvorada —, a crise econômica ameaça comprometer a única coisa que lhe restaria de positiva para o reconhecimento da história: a consolidação da democracia.

A melancolia fica por conta de um Governo que formalmente ainda não acabou, mais que autoriza a previsão de que não deixa saudades. O presidente José Sarney, conforme lembra o deputado César Maia, brigou, pressionou, jogou todo o poder de convencimento do Executivo sobre os constituintes, ganhou mais um ano de mandato e, agora, não tem possibilidade política de implementar mais um programa.

Cerca de duas semanas atrás, o líder do Governo na Câmara, Luiz Roberto Ponte, saiu do Palácio da Alvorada dizendo que o presidente da República estava disposto a adotar e cumprir tudo aquilo que o Congresso lhe apontasse como solução para a crise. Agora, o mesmo Luiz Roberto Ponte, após vários "balões-de-ensaio" lançados por parlamentares governistas, afirma e repete que o presidente Sarney se dispõe a deixar o Palácio da Alvorada antes do tempo previsto, se houver um acordo em torno da implantação do parlamentarismo, se o Congresso assim determinar.

Arrependimento

O Presidente admite renun-

ciar, assim, exatamente aquilo por que mais lutou: o mandato e o sistema de Governo. O parlamentarismo só não foi aprovado porque Sarney usou contra ele tudo que podia, até mesmo a pressão militar. Da mesma maneira aqui em relação ao mandato.

O Governo chegou ao ponto de dizer, através dos ministros da Fazenda e do Planejamento, Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu, e também pelo deputado Luís Roberto Ponte, que não lhe sobra mais nada, se não tiver o apoio do Congresso, a não ser administrar a crise até o dia 15 de março. Em síntese, avisa que não pode sozinho desarmar a bomba da hiperinflação, nem pode deixá-la, é claro, explodir agora. Vai transferi-la, com todo cuidado, para as mãos do próximo presidente da República.

Como não há muito mais o que fazer, o Presidente vai viajar, pelo País, inaugurando pequenas obras aqui e acolá, numa tentativa de mostrar que seu Governo continua ativo. E para o exterior. A idéia é não recusar convites.

No início de abril deste ano, Sarney ressaltou durante a inauguração do primeiro trecho da Ferrovia Norte-Sul, que não havia se preparado para assumir o Palácio do Planalto. Não tinha programa de Governo. Também não elaborou um programa para o quinto ano de mandato. Agora não pode elaborar um para tirar o País da crise.